

## A DYSPHORIA MUNDI DE PAUL B. PRECIADO: A(R)TIVISMO E FILOSOFIA INADEQUADES AO CAPITALISMO PETROSEXORRACIAL

Roberta Cristina Gobbi Baccharim<sup>1</sup>  
Fernanda Bonato<sup>2</sup>

**Resumo:** Resenha do livro *Dysphoria mundi* do filósofo e escritor Paul Preciado publicado em 2022 pela Editora Anagrama. Dividido em 7 capítulos por 709 páginas, o autor desenvolve o conceito de capitalismo petrosexorracial e ideias para ações epistêmico-políticas de desidentificação e dissidência dos já antigos e inadequados regimes de subjetivação.

**Palavras-chave:** Artivismo; *Queer*; Capitalismo petrosexorracial; Dissidências; Preciado.

### THE DYSPHORIA MUNDI BY PAUL B. PRECIADO: A(R)TIVISM AND PHILOSOPHY INADEQUATE TO PETROSEXRRACIAL CAPITALISM

**Abstract:** Review of the book *Dysphoria mundi* by philosopher and writer Paul Preciado published in 2022 by Anagrama. Divided into 7 chapters over 709 pages, the author develops the concept of petrosexrracial capitalism and ideas for epistemic-political actions of disidentification and dissidence from the already old and inadequate regimes of subjectivation.

**Keywords:** Artivism; *Queer*; Petrosexrracial capitalism; Dissidence; Preciado.

---

<sup>1</sup> Psicóloga clínica, sexóloga e doutoranda em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) com bolsa CAPES PDSE 2022/23 para estágio doutoral na Universidad Nacional de San Martin (UNSAM). Mestra em Psicologia Social Comunitária pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da UTP. Especialista em Sexualidade Humana pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - FMUSP (2014) e em Psicologia Jurídica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR (2010). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6181212123518461> . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3403-5979> . E-mail: [roberta.gobbi@gmail.com](mailto:roberta.gobbi@gmail.com) .

<sup>2</sup> Psicóloga clínica, sexóloga, mestre em psicologia e doutoranda na linha de Educação, Trabalho e Produção de Subjetividade do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5523457340644790> . ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5408-3137> . E-mail: [fernandacbonato@gmail.com](mailto:fernandacbonato@gmail.com) .

Tensionando a etimologia da palavra disforia e seu uso pelas ciências da saúde em seu novo livro, Paul Preciado sugere que a conjuntura epistêmico-política atual se caracteriza por apresentar um quadro de disforia generalizada, um estado qualificado pela dificuldade de suportar algo. É neste contexto que parte dos corpos vivos ocupantes deste planeta têm resistido a serem subalternizados pelo regime capitalista petrosexorracial.

A proposta de Preciado rompe com o tradicional uso da palavra disforia nos contextos atuais de psiquiatrização da vida, nos quais a medicina e seus manuais detêm o monopólio. A noção de *dysphoria mundi* busca captar as condições disfóricas de formas de vida que, por já não suportarem o regime normativo, instauram uma nova ordem político-visual e um regime de saber capazes de repensar e reinterpretar as condições de vida em um momento de transição, iniciado com a pandemia. O novo regime, cocriado e sistêmica e horizontalmente implementado por estes/as disfóricos/as/ques da modernidade, tem, segundo o autor, um grande potencial de germinação através da arte, do ativismo e da filosofia.

A tensão e a fissura entre estes dois regimes, o atual e o em construção, é a *dysphoria mundi*, que explica como uma condição generalizada, a dor que a gestão necropolítica da subjetividade produz, que ao mesmo tempo aponta aos corpos potencialidades de romper com a genealogia capitalista, patriarcal e colonial através de práticas dissidentes de inadequação. Para Preciado, o capitalismo petrosexorracial, uma das raízes mais sólidas do atual regime, advém da estruturação social e de tecnologias de governo e de representação que surgem a partir do século XVI na esteira da expansão deste sistema econômico e da colonização de povos e de suas epistemologias, para o fortalecimento de ideais raciais e sexuais europeias. Na organização petrosexorracial dependemos de um modo de produção altamente tóxico ao planeta e somos classificados pelas categorias da ciência legitimadoras da dominação de espécie, sexo, raça e sexualidade. Assim, a instauração do modo petrosexorracial é distinta por se instalar nos corpos não só como poder, mas também como prazer, força e desejo sobre o corpo, de maneira a se apropriar, extrair e destruir. A lógica deste sistema, patriarcal e colonial, não ficou em um passado, mas é ainda legitimada e operada nas epistemologias, estruturas cognitivas, regimes de

representação, técnicas do corpo e de poder, discursos, narrativas, imagens, que mantém uma estética petrosexorracial solidamente embasada no gozo da destruição e da toxicidade.

A atual estética petrosexorracial é a própria articulação dos modos de vida, sua regulação política, como socialmente se estrutura e é percebida e coletivamente compartilhada. É, não só o modo de partilha do sensível, mas também uma tecnologia capaz de produzir novas formas de conhecimento e consciência humana e não humana, que esquadrinham o mundo sensorial.

Preciado aponta que este modo de vida desenhou uma petromasculinidade que incide sobre o corpo e subjetividade e está fundada não na testosterona, mas no (ab)uso da violência e na acumulação de combustíveis fósseis, feita de automóveis e armas de fogo como suas próteses centrais. Aqui podemos refletir se a proposta de uma petromasculinidade não pode, de mesmo modo, ser pensada em sua versão binariamente oposta, a petrofeminilidade. Esta, como sugestão nossa, está similarmente implicada esteticamente no regime *petrosexorracial*, onde o silicone, utilizado em próteses médicas e massivamente na indústria da beleza desponta como tecnologia de construção de gênero.

O corpo, para Preciado, não é somente a materialidade onde as normas e o poder incidem, mas especialmente, e principalmente neste contexto de *dysphoria mundi*, o espaço que pode resistir às tecnologias farmacopornográficas de governo petrosexorracial e causar mutações, deslocamentos e rupturas no capitalismo global, na transição para um novo regime de (re)produção da vida. É nesta direção que, para alcançar esta nova ordem, os corpos dissidentes subalternizados no regime petrosexorracial criam recursos subversivos de subjetivação e agenciamentos coletivos através da interrelação com outros corpos humanos, não humanos e tecnológicos.

O regime farmacopornográfico, desenvolvido pelo autor em seus livros anteriores *Testo Junkie* e *Pornotopia*, configura a atual maneira de gestão e produção especificamente da subjetividade sexual e de gêneros, visto que já não somos regulados somente pelas instituições disciplinadoras, mas principalmente por um conjunto de tecnologias biomoleculares, microprostéticas, digitais e informacionais. As novas tecnologias necrobiopolíticas da sexualidade envolvem o desenvolvimento e

consumo massivo de medicações antidepressivas, ansiolíticas e analgésicas que alteram estados de humor, de consciência e comportamento, o uso de pílulas anticoncepcionais, as terapias para o HIV, o viagra, as tecnologias genéticas, entre muitas outras. Há uma nova gestão da subjetividade que é semiótico-técnica, completamente digitalizada e conectada. O novo aparato tecnológico é considerado pornográfico uma vez que já não funciona pela repressão da sexualidade, mas pela incitação a um consumo e uma produção constante da representação da sexualidade.

A proposta de revolução *dysphoria mundi*, para além das práticas coletivas sensíveis, concentra um potencial *antimainstream* de narrativas sobre o corpo, sua história política e dos processos de sujeição e subjetivação.

O autor sugere, para a elaboração destas práticas dissidentes, um giro na compreensão de ‘sujeito político’, criação da modernidade patriarcal e colonial, sexista, homofóbica e racista, para inventar formas pelas quais os corpos vivos podem converter-se em simbioses – agentes em simbiose – políticos. Nesta posição, de simbionte político, a própria corporalidade é apresentada além de sua constituição puramente material. Nomeada ‘sodateca’, é não uma propriedade privada do sujeito ou objeto anatômico, mas um arquivo político vivo onde atuam as formas de poder e soberania culturais e históricas. A redução da sodateca ao corpo anatômico e seus órgãos genitais, ou da cor da pele à diferença racial, são demonstrações do funcionamento complexo da epistemologia petrosexorracial.

Se para Foucault onde há poder, há resistências, para Preciado o corpo contemporâneo se relaciona com o poder por uma via de adição e não de submissão ou obediência. Relembra que o *addictus*, no direito romano, é o devedor insolvente que era escravizado por sua condição de não pagador, tornando-se propriedade do seu credor. Assim, as contas eram consideradas pagas através da adição da sodateca do devedor às posses de seu credor. No contexto atual, para o autor, perpetuamos esta lógica, onde o capitalismo petrosexorracial é o credor e as subjetividades contemporâneas lhe estão ligadas pela intrínseca relação de dívida e adição. Ou seja, não abandonamos o capitalismo petrosexorracial por estarmos em uma relação de adição com o poder e o capital. Somos transformados/as/es em adictos/as/es pelo endividamento que é reforçado constantemente por nossas formas petrosexorraciais e cibernéticas de viver (petróleo, carbono, gás, álcool, café, fármacos, tabaco,

informação, linguagem, códigos semióticos etc.) e pelo capitalismo colonial e modo de reprodução cisheteropatriarcal.

Preciado aponta que esta relação de adição é constantemente reforçada com a internet como a nova ferramenta política mundial de ação e ativação de todas as antigas formas já cristalizadas de exploração e dominação. O autor utiliza a visão de William S. Burroughs, presente em seu livro *A Revolução Eletrônica*, para determinar a linguagem e a escrita como potências políticas que podem contaminar o tecido social. São técnicas virais de contágio e não somente disposições de informação. É a partir da compreensão da adição e da linguagem como contágio que podemos entender não só as mutações das técnicas de governo do capitalismo como as possibilidades de antagonismo e dissidência. Aqui já começamos a perceber que sua hipótese revolução estará fortemente implicada nestas bases, da disseminação virtual pelo uso da linguagem, que teve início com a massiva distribuição de instrumentos de gravação multimídia, edição e distribuição de imagens e linguagens aos corpos que até o momento não haviam tido a oportunidade de participar da produção de conteúdo. Significa que o telefone se transformou em arma de longo alcance e que pode afetar diretamente o que é posto em circulação pelas empresas de comunicação visto que estamos passando de uma sociedade escrita para uma ciber-oral, de orgânica a digital, de uma economia industrial a uma imaterial, e de uma forma de controle disciplinador e arquitetônico, como explicou Foucault, para formas microprostéticas e mediático-cibernéticas.

Neste contexto de transformação epistêmica do nosso conceito de vida, autonomia e verdade, a *dysphoria mundi*, a identidade acaba se convertendo em um tótem semiótico que é ao mesmo tempo vazio e hiperbólico. O uso da retórica identitária do último século nos levou a novas possíveis problematizações sobre hegemonias e antagonismos. Para o autor, paradoxalmente, mesmo tendo se desenvolvido em movimento decoloniais e despatriarcais, os movimentos por minorias cristalizaram-se em políticas de identidade que não alcançaram o desmantelamento dos regimes de opressão (raciais, sexuais ou de gênero) e que acabam renaturalizando ou intensificando as diferenças. Desta forma, a interseccionalidade, que busca fazer relações entre identidades segmentadas, nada mais é que uma espécie de miragem metodológica que denuncia “la imposibilidad de

articular una filosofía política no esencialista capaz de pensar la transversalidad sistemática con la que las relaciones de poder producen y oponen diferencias” (PRECIADO, 2022, p. 208).

E, por outra parte, uma extensão do neoliberalismo, das crises econômicas e falhas democráticas se manifesta em categorias identitárias nacionalistas, heterossexuais, europeias, brancas, cristãs, conservadoras, machistas, gerando novas operações linguísticas de exclusão. Esses levantes identitários tornam urgente, sugere, a tarefa proposta de afirmar a identidade como in-existente.

Segundo Preciado, por in-existirem, por não-serem-objetos, menos ainda com validade universalizante, estas entidades ontológico-políticas não são meras ideologias ou estruturas simbólicas, mas possuem uma densa materialidade. E, para ele, é nessa paisagem selvagem de objetos-que-não-existem que transitam os filósofos, artistas e ativistas contemporâneos. Assim, em termos onto-políticos, a identidade se transformou em aquilo que é tangível sem existir, do que é visível, mensurável ou quantificável. Não existe, mas se pode tocar, ver, descrever, tornando-se o argumento central das narrativas de uma época. O autor cita a distinção dos conceitos de inexistente e nada, de Derrida. O inexistente não é nada, mas sim uma existência mínima, quase pura virtualidade e potência. Desta maneira, avalia que o povo, nação, masculinidade, homossexualidade, in-existem, visto que sua existência é sempre reatualizada por repetições performativas, como sugere Butler.

As estatísticas, instituições e administrações produzem a feminidade, a discapacidade, a transexualidade, a homossexualidade ou a disforia, dando condições empíricas para sua existência e conseqüente exclusão e discriminação. Mas isto não traz à tona que a modalidade de sua existência in-existente não varia, que é o dispositivo da diferença. E como a diferença só é diferença em comparação a algo, e nada é fixo, esta é uma ontologia em transição. Diferença, não identidade; mutação, mais que essência; alteração mais que alteridade.

Através da tradição genealógica proposta por Foucault, faz-se importante investigar as linhas de diferenciação e suas inscrições materiais em cada época e contexto, fugindo das essencializações nacionais, sexuais ou raciais. Deste modo, é possível investigar as tecnologias de governo, as técnicas do corpo e dos aparatos de legitimação. É na articulação destas linhas de diferenciação que as entidades in-

existentes podem emergir como objetos, adquirindo materialidade. Para Preciado, reside aí a dificuldade em trabalhar com investigações da ontologia política, a de dedicar-se a entidades in-existentes.

O dever do político é fazer existirem in-existentes até que sejam naturalizados ou que possam reivindicar sua condição universal. Este é, em suma, um momento de constituição e, neste sentido, o campo político é ontológico-fictício, ou seja, uma arte de invenção da existência de in-existentes e de erradicação de in-existentes naturalizados. Depois deste momento de concepção, o in-existente deve ser destruído.

Na parte central do livro, Preciado argumenta que a crise do Covid teve consequências brutais no regime de sensibilidade petrosexorracial que imperava até o ano de 2020, impondo um processo abrupto de desabituação a tudo que tínhamos como dado, como estável, em uma desnaturalização do mundo sensorial, dos in-existentes legitimados. Por isso que, para o autor, a crise é um evento estético de reconfiguração da experiência 'vida' que faz surgir outras novas formas de sensibilidade, induzindo novas modalidades e tecnologias de subjetivação política.

Para ele, a pandemia de covid foi responsável por uma tripla crise: da percepção da vida, da sensibilidade e do sentido. Esta última refere-se à desativação temporária das instituições de normalização da vida (igreja, museu, tribunal, escola...) pelas medidas de isolamento, não podendo promover sentido ou fabricar significados, tornando o momento potencialmente favorável para a transformação e mutação radical das políticas do desejo, o que poderia provocar a transição epistemológica e social capaz de causar deslocamentos no regime capitalista petrosexorracial, "aquele régimen de la sensibilidad y de la percepción en el que la muerte y la destrucción de la vida son objeto de consumo libidinal y en el que la opresión como forma de relación es erotizada. Pero por qué este cambio no há sucedido?" (PRECIADO, 2022, p.261-262).

O autor entende que a próxima virada de século teve início com a pandemia e a tripla crise, inaugurando a *dysphoria mundi* e as novas formas artísticas, ativistas e filosóficas de dissidência, e pergunta: "Podrán deserotizar la opresión sexual?" (2022, p.263). Preciado aponta que uma das principais barreiras para a criação de um novo regime mundial está na captura colonizadora da função desejante pelo

capitalismo petrosexorracial, preenchendo-a com valores monetários, semióticas de violência, objetificação consumista e uma submissão depressiva. O ponto central deste capitalismo está na criação de subjetividades adictas cujos desejos estão moldados na relação de consumo e capital e de reprodução sexual e colônia, através, principalmente, da destruição da biosfera e do uso de combustíveis fósseis.

Para esta exploração, dos corpos e do planeta, se faz implícita uma naturalização da percepção onde o corpo explorado não almeja a liberação, e sim a ser reconhecido socialmente através da adaptação às normas impostas e ao consumo. O corpo e a consciência tem a sua potência de ação extraídas e se identifica com o próprio processo de subjugação.

Organizando uma proposta de revolução disfórica, enfatiza que uma mudança de paradigma nunca se dá de um regime de verdade a outro simplesmente, e sim num baile de ficções que competem em serem escolhidas como a mais legítima. E esta luta nunca acontece de forma não hierárquica. Estas ficções não são construídas somente pela disseminação de *Fake News* mas também pelos processos de luta de corpos oprimidos, que desejam adquirir um novo estatuto de verdade. Estas lutas criam palavras que passam a compor o discurso e que, ao se integrarem ao tecido social, transformam e constroem o sujeito enunciadador. Não há regime de verdade que não seja somatopolítico e por isso que as disputas neste campo são sempre políticas, linguísticas e corporais.

Uma transformação dos regimes de verdade não só faz com que surjam novos objetos de conhecimento, mas proporciona a manifestação de novas formas de subjetivação ou de relação simbiótico-política. E este é um ponto de ruptura realçado pelo autor como extremamente importante e que estamos passando atualmente. Pois, não se estão produzindo somente levantes de saberes subjugados, mas, com o deslocamento do marco epistêmico colonial-decolonial, a relação entre saber hegemônico e subalterno não é mais vertical. Assim, as novas lutas trans, feministas, antirracistas são investimentos epistêmicos para a mudança das históricas relações entre corpos, saberes e poderes, e uma batalha epistêmica, segundo o autor, é uma disputa entre distintas formas de vida metafóricas.

Se temos o contexto para esta revolução, necessitamos das somatecas. Preciado afirma que, se o sujeito ciborgue de Haraway era um híbrido de máquina e

organismo, cibernético, um ser entre realidade e ficção, o telecorpo seria um modo de existir carnal-virtual do ciborgue na era das comunicações digitais. Este telecorpo, que não é totalmente orgânico ou digital, é um ser natural-técnico que vive na intersecção entre a vida e a cibernética, o carbono e o silício. É um corpo espetáculo digital e público que é produzido para ser difundido, escaneado, copiado, distribuído pela telepresença das redes sociais virtuais.

Enquanto o corpo moderno respondia a uma hierarquia rígida taxonômica, o telecorpo pode deslocar-se destas categorias através de programas, *softwares*, filtros, algoritmo. O telecorpo não tem pele e é feito de uma combinação de linhas, movimentos e pixels. As atuais ciências do corpo já não são a biologia ou medicina, e sim a informática e *marketing*. O entorno já não é a Terra, mas o mercado supraplanetário da internet. Mas o telecorpo não é uma pós categoria de sexo, gênero ou raça, visto que a *internet* é um espaço intensamente marcado pela sexualização, genderização e racialização que seguem padrões e algoritmos normativos, mesmo que estes estejam sempre em mutação.

O telecorpo é a nova riqueza digital, é ele quem confia nos likes e números de amigues virtuais. Ao mesmo tempo que consome outros telecorpos é também produzido, é cliente e provedor, produto e comprador. Mas, ainda que seja um objeto da informática da dominação, também pode passar a servir como um sujeito de inadaptação, de desobediência e talvez de emancipação digital. Para Preciado, a revolução pós pandêmica não será levada a cabo por corpos modernos, mas por telecorpos desejantes, pensantes e atuantes coletivamente.

A transformação dos modos de subjetivação que buscam romper com o tradicional patriarcalismo, sexismo, racismo e colonialismo atravessam práticas de destituição e restituição de signos e narrativas. Esta mudança de paradigma não é só na transformação dos antigos regimes de verdade, mas dos procedimentos sociais onde os discursos sobre a verdade são produzidos e difundidos. A ruptura epistêmica em desenvolvimento se afirma pelos usos das artes, do mercado, *internet*, redes sociais, da inteligência artificial, dos algoritmos, como ferramentas de verificação do novo regime de verdade em construção. Para Preciado, não há alternativa, senão a digital, para destituir um regime de verdade onde as redes sociais se consolidaram como tecnologias de saber.

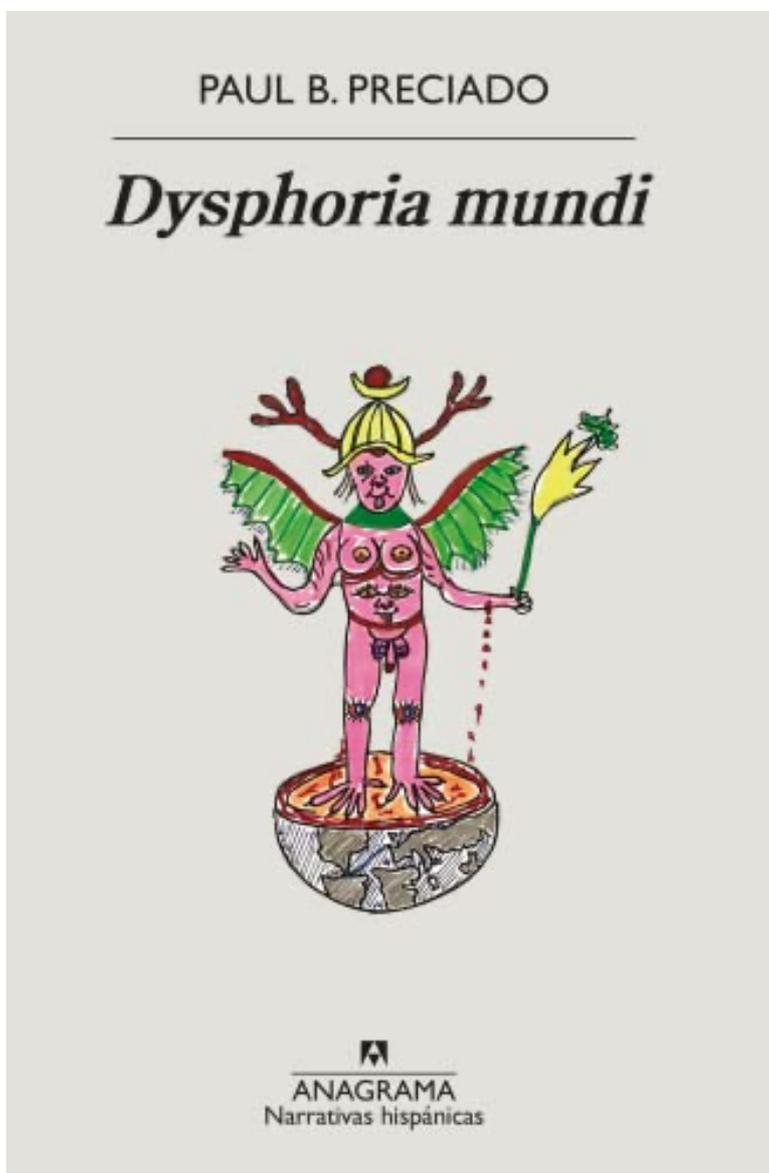
Preciado sugere que seja levado a cabo uma espécie de ritual tecnoxamânico que possa frear o capitalismo petrosexorracial e criar epistemologias para uma transformação mundial. Para tal devemos transversalizar as lutas, as experiências de despossessão, opressão e morte geradas pelo capitalismo petrosexorracial, algo que foi percebido com a alta mortalidade do vírus Sars-Cov-2. Também é importante somar as lutas transfeministas, anticoloniais e ecologistas para fazer frente e antagonizar os discursos neonacionalistas, privatizadores, neoliberais, tecnopatriarcais e neocoloniais. E, por último, perceber que uma revolução só inicia e se desenvolve com uma transformação radical do desejo. Para isto, é necessário recuperar a somateca da captura tecnomercantil (religião, ciência, psicanálise, farmacologia, fascismo, masculinismo, feminismo naturalizante etc.). Mas a crise do desejo já teve início quando o mundo foi parado pela pandemia.

Os a(r)tivistas do regime farmacopornográfico contemporâneo nos ensinam a importância da decodificação e intervenção nas tecnologias necrobiopolíticas que nos constroem e constituem, de negar a posição neoliberal de produto e consumidor e assumir-se como simbiote relacional, de participar de práticas dissidentes que permitem o surgimento de outras epistemologias. As estratégias para tal são as seguintes: Desidentificação; Desnormalização; Emancipação cognitiva; P.A.I.N. (prescrição adição intervenção agora); Coletivização da somateca; Desmercantilização das relações sociais; Destituição de práticas institucionalizadas de violência; Ação por deserção; Secessão; Criação de supercordas; Híbridação antidisciplinária; Politização da relação com as próteses energéticas de subjetivação; Autobiohackear-se.

Ao final e sumariamente pede o autor que utilizemos nossa disforia como uma plataforma revolucionária. E nós, leitores/as, agradecemos o sopro sempre insurgente, inadequado e necessário deste filósofo.

## REFERÊNCIA

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi*. Editorial Anagrama., S.A., Barcelona, Espanha. Impreso en: Printing Books / Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2022.



Recebido em: 29/06/2023

Aceito em: 06/11/2023